



Perfis: As comunidades por seus personagens¹

Ana Carla Nunes da SILVA²

Márcia Guena dos SANTOS³

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, Bahia

RESUMO

O presente artigo foi desenvolvido a partir do projeto de pesquisa “Perfil fotoetnográfica nas populações quilombolas da região do submédio São Francisco: identidades em movimento” tem como um dos objetivos traçar perfis de personalidades que guardam a memória das comunidades quilombolas visitadas durante a execução do projeto. Esse artigo traz história de três personalidades de duas comunidades já visitadas, Quipá e Barrinha da Conceição, utilizando como metodologias o perfil jornalístico e a fotoentrevista. Após a apresentação, será abordada a metodologia utilizada para realização desse trabalho e como essas histórias podem ajudar no processo de regaste/reconstrução da memória quilombola.

PALAVRAS-CHAVE: Memória quilombola; perfil; fotografia; entrevista.

INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa “Perfil fotoetnográfica nas populações quilombolas da região do submédio São Francisco: identidades em movimento”⁴ tem como objetivo fazer um mapeamento das comunidades quilombolas que estão localizadas na área do Submédio São Francisco. A citada região compreende as cidades de Juazeiro e Paulo Afonso na BA e Ouricuri, Petrolina e Serra Talhada em PE (CODEVASF, 2009).

O processo de reconhecimento de campo esta sendo realizado desde 2012 nas proximidades da cidade de Juazeiro, norte da Bahia, onde foram visitadas as

¹ Trabalho apresentado a Divisão Temática Jornalismo Intercom Júnior - VIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013, como resultado preliminar de pesquisa “Perfil fotoetnográfico das populações quilombolas da região do submédio São Francisco: identidades em movimento” financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb).

² Graduanda do sexto semestre em Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), anacarlanunes19@gmail.com

³ Orientadora do trabalho, mestre e professora do curso de Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), marciaguena@gmail.com

⁴ Projeto de pesquisa financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) que tem como bolsistas Ana Carla Nunes e Juliano Ferreira do Carma, a orientadora é a mestra e professora Marcia Guena dos Santos e os colaboradores são Adeilton Gonçalves da Silva Júnior e Uilson Viana de Souza.



comunidades de Barrinha da Conceição, Barrinha do Cambão, Junco, Quipá, Alagadiço, Rodeadouro e Pau Preto. Todas essas comunidades foram reconhecidas pelo Ministério de Desenvolvimento como remanescentes quilombolas, porém nem todas se autoreconhecem como tal. Ao realizar as visitas são feitos registros orais e fotográficos, gravadores e máquinas fotográficas são aliados para o desenvolvimento do trabalho. O primeiro passo para que as informações sejam obtidas é em um diálogo breve, “Se quisermos aplacar a consciência profissional do jornalista, discuta-se a técnica da entrevista; se quisermos trabalhar pela comunicação humana, proponha-se a um diálogo” (MEDINA, 2004). Para que haja construção dos perfis é imprescindível que esses equipamentos estejam sempre nas visitas atrelado as percepções e olhares atentos dos pesquisadores. Assim, o perfil jornalístico se caracteriza da seguinte forma:

Os perfis podem focalizar apenas alguns momentos da vida da pessoa. É uma narrativa curta tanto na extensão (tamanho do texto) quanto no tempo de validade de algumas informações e interpretações do repórter.

E é de natureza autoral. Existem tantos modos de reportar quanto repórteres trabalhando em uma redação por mais que nos digam que não, tudo leva a uma única opção. (BOAS, 2003, pag. 13)

A fotografia é inserida nesse cenário para representar o perfilado e a realidade na qual vive, as imagens passam então, a serem tão importantes quanto às entrevistas. Quando a fotografia é o principal instrumento para realização da pesquisa, ela é denominada de fotoetnografia e pode estar presente em vários formatos, como livros, exposições etc. (Boni; Moreschi, 2007).

O artigo apresenta a metodologia utilizada e as áreas quilombolas visitadas, espaços onde vivem os entrevistados. Três personalidades de duas das comunidades onde comparecemos foram as escolhidas para o desenvolvimento dessa atividade. A senhora Roberta Maria dos Santos, 83 anos, moradora da comunidade de Barrinha da Conceição e os senhores Antônio Cândido de Brito e José Domingos de Brito, moradores da comunidade do Quipá.

A comunidade de Barrinha da Conceição esta localizada a aproximadamente 13 quilômetros do centro de Juazeiro, fica pouco antes da comunidade do Rodeadouro. Recebeu esse nome em homenagem a padroeira da localidade, Nossa Senhora da Conceição, cuja festa acontece no dia oito de dezembro. Uma média de 10 famílias



encontram-se dispostas as margens do rio São Francisco, são aproximadamente 60 pessoas que descendem os fugitivos da Guerra de Canudos (1896-1897).

O Quipá, também fica as margens do rio São Francisco, no entanto esta do lado oposto a Barrinha da Conceição. A comunidade tem cerca de 300 pessoas que estão distribuídas em aproximadamente 60 ou 70 famílias. O Quipá já passou por processos de luta pela posse de terra, tendo em vista que o território onde os primeiros moradores se instalaram não é o mesmo dos dias atuais, eles foram deslocados para área vizinha.

Cada localidade guarda uma história que lhe é peculiar e característica, as casas, a organização, as religiões, a disposição dos espaços comuns a todos tem sua função e justificativa. Esses detalhes estão relacionados diretamente com a formação e surgimento de cada remanescente quilombola.

O PERFIL

No jornalismo existem as mais variadas formas de se contar uma história ou de se transmitir uma notícia, cada uma das formas seja enfatizar ou aproximar o fato do leitor, espectador ou ouvinte. No desenvolvimento de um perfil jornalístico isso não ocorre diferente:

Trata-se da obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse. No primeiro caso, trata-se, em geral, de uma figura olimpiana. No segundo, a pessoa geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão. (LIMA, 2004, pag. 51 e 52)

Os perfilados foram escolhidos a partir de seus conhecimentos e percepções sobre cada comunidade, desde a formação comunitária, as lutas travadas em busca pela posse de terra até a organização e tradições atuais. São personagens importantes, pois são aqueles que detêm a memória quilombola da localidade. As lembranças eram contadas pelos pais, e avós dos personagens, as histórias se misturam com a busca pelos direitos que os remanescentes quilombolas adquiririam após o reconhecimento e certificação.



Essas informações foram coletadas ao longo das visitas e encontros com as comunidades. Na comunidade do Quipá uma oficina fotográfica já foi desenvolvida, essa atividade teve como principal objetivo observar o modo como a comunidade se expressa e se enxerga, tendo em vista que tal localidade não se reconhece como remanescente quilombola.

Durante o desenvolvimento do perfil é necessário que se faça presente a sensibilidade e perspicácia do repórter para que se atendam as nuances do personagem que irá ser retrato. O perfil não é um conto, é a caracterização de um lugar ou pessoa a partir das histórias e memórias recorrentes onde o personagem retrato esta inserido.

Os processos de criação são multidimensionais. Neles, combinam-se memória, conhecimento, imaginação, síntese e sentimentos, cinco elementos imprescindíveis ao trabalho autoral. A narrativa de um perfil não pode prescindir de todos os conceitos e técnicas de reportagem conhecidos, além de recursos literários e outros. Mas ela também está atada ao sentimento de quem participa. A frieza e o distanciamento são altamente nocivos. Envolver-se significa sentir. (BOAS, 2003, pag 13 e 14)

Durante o processo de construção das histórias dos perfiladas atrela-se a fotografia como retratação e reafirmação das localidades onde estão inseridos. “Mas, o perfilado não é exatamente um modelo de pose. Sua imagem não pode ser pretendida, portanto, e talvez nem se consiga que ela seja plenamente natural ou espontânea.” (BOAS, 2003) Deve-se deixar o personagem o mais a vontade possível, só dessa forma as histórias sairão com mais naturalidade e desprendimento. Cria-se um grau de intimidade e confiança.

Uma sensibilidade diferenciada que se manifesta através do gesto, do olhar, da atitude corporal. Um repórter que se debruça sobre o entrevistado para *sentir* quem é o outro, como se estivesse contemplando, especulando uma obra de arte da natureza, com respeito, curiosidade (ainda que a fonte de informação represente uma ideologia totalmente contrária à do repórter), por certo esses fluidos positivos de uma percepção aberta chegarão, por complexos sinais, à percepção do entrevistado. Nunca é demais salientar que o diálogo se dá sobre todo ao nível de sensibilidade. (MEDINA, 2004, pag 30 e 31)

Após o reconhecimento do campo de estudo um roteiro prévio de entrevista é seguido, onde deve ser identificado o entrevistado com nome, idade e local de nascimento;



origem familiar, pedir para que ele conte sobre sua família, pais e avós, como chegaram até a localidade tentando relacionar com o espaço e o maior número possível de informações que estão ligados as questões quilombolas; falar sobre constituição familiar, esposa, marido, filhos e etc; questionar sobre a memória quilombola da região, indagando se conhecem a história dessa origem, o porquê do nome da localidade, quem foram os primeiros moradores, como chegaram ali e quais os motivos que os levaram para lá; pergunte se há algum tipo de processo de regularização fundiária via associação de moradores ou outro tipo de organização comunitária qualquer.

Antes de se abordar o trabalho de campo do repórter, isto é, a execução da entrevista, não se pode deixar de lado o processo de produção da informação jornalística. Há princípios que regem o fenômeno jornalismo e a comunicação coletiva; e há fontes de conteúdos que orientam a seleção de pautas. Quando se chega a executar a entrevista, já se está às voltas com toda esta rede complexa de variáveis. (MEDINA, 2004, 21)

Dessa forma, se viu necessidade da produção dos perfis de Roberta, Antônio e José, já que são eles que detêm maior parte do conhecimento e percepções sobre as lutas, causas e surgimento das comunidades de Barrinha da Conceição e Quipá. As raízes quilombolas estão mais presentes e recentes na memória dos moradores de Barrinha da Conceição, as danças, rituais e tradições ainda acontecem com mais fervor. Já no Quipá, as histórias sobre a origem do local estão muito ligadas pela luta à posse de terra, as brigas, compras e vendas de parte da localidade, a mudança do local, deixou as lembranças um pouco mais distantes. No entanto, grande parte das informações contribuiu para se entender os motivos que levaram a se cobiçar as terras. As localidades estão localizadas às margens do rio São Francisco e seus moradores tinham como principal fonte de renda a pesca e agricultura. Alguns “pedaços” de terra foram vendidos e hoje os ribeirinhos não tem acesso a essa área.

Ainda pode-se pontuar o conceito de fotoentrevista, que discute a fotoetnografia e a aplicação desse tipo de segmento durante o desenvolvimento da pesquisa, sempre atrelado a imagem e quais as vantagens desse tipo de trabalho. A imagem, fotografia, não se expressa como complemento e sim como um aporte específico, o texto e imagem conversam entre si, cada um tem seu papel de análise. Utilizamos aqui o conceito de Achutti (2004), que considera a imagem como linguagem principal, ainda que não exclua as demais, mas que consiga condensar uma narrativa. Consideramos também a



imagem como expressão, capaz de representar e não apenas documentar, capaz de expressão e não apenas registrar. Ou seja, como acentua Rouillé, estão em jogo aí sensibilidades e olhares, tanto do fotógrafo como do fotografado.

É importante ressaltar que a possibilidade de utilização de imagem não implica o seu uso excludente em relação ao texto. Pelo contrário: texto e imagem podem-se articular de forma complementar com seus aportes específicos. A natureza de texto e de imagem naturalmente é diferente. Importa que nos demos conta de que, no limite do texto, a fotografia pode avançar “iluminando” certas passagens e, no limite da fotografia, o texto cumpre um papel analítico insubstituível. (ACHUTTI, 2004, pag. 277)

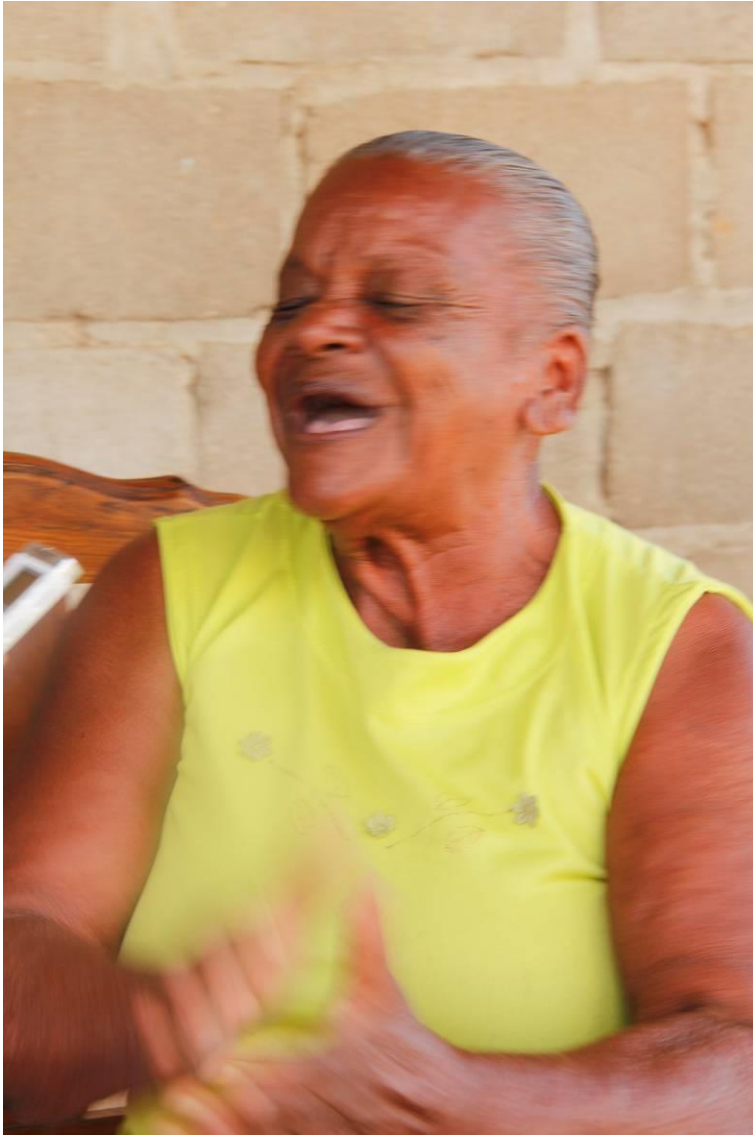
As fotografias ganham o seu espaço e representatividade, não são mais complementos, passam a ser e ter função definida. O conceito fotoetnografia foi utilizado primeiro por Achutti, em 1996, durante a sua tese de mestrado. E o termo fotoentrevista ingressa como uma das características do primeiro conceito elaborado por ele.

As fotoentrevistas são uma técnica que implica usar, em visitas sucessivas, as fotografias já tiradas como meio de propor e/ou banalizar novas entrevistas e, com isso, ao mesmo tempo em que se vai aprofundando o trabalho, vai-se fazendo a restituição dos dados. (ACHUTTI, 2004, pag. 287)

OS PERSONAGENS

Durante o processo de reconhecimento de campo, foi notório que algumas personalidades das comunidades tinham maior conhecimento e envolvimento com a memória quilombola local. No processo de reconhecimento de duas comunidades em especial, Barrinha da Conceição e Quipá, três personagens se destacaram, entre os quais podemos citar Roberta Maria dos Santos, 83 anos, moradora de Barrinha da Conceição, na comunidade do Quipá os compadres Antônio Cândido de Brito Filho e José Domingos de Brito guardam as histórias e conquistas da localidade de onde nunca saíram.

Roberta Maria dos Santos





Dona Roberta ou Aiá, como é chamada pelos netos e filhos, tem 83 anos e guarda com riqueza de detalhes importantes fatos que ocorreram em sua comunidade, as tradições que antes eram corriqueiras e histórias ligadas à construção da localidade. Segundo a matriarca da família Santos, os primeiros moradores vieram fugidos da Guerra de Canudos e se instalaram no terreno que ficava próximo às margens do rio São Francisco.

Lembrou como a imagem da santa, que dá nome a comunidade, foi encontrada. Era criança, mas guarda muito bem como estava a casa onde a imagem foi encontrada e como foi aquele momento, qual foi a reação dos mais velhos e como teve início a festa da padroeira



Esta imagem que tem aqui que a Virgem de Nossa Senhora da Conceição ela é achada das meninas né. Já foi assim com meu avô e minhas tias era tudo menina e aqui era só favela⁵ e quando fala no tempo da favela ai diz que elas saiam com os pauzinho e iam com as latinhas pra tirar favela. Eu sei que essa imagem, a imagem que ta ai, foi a... foi este povo que vieram correndo e fizeram uma casa, até de tijolo assado, isto ai eu me lembro. Ai elas brincando e tirando favela diz que iam sair e quando chegaram lá nesta casa, eles já tinham vindo embora e deixaram a imagem. Ai ela, quando chegaram lá dentro da casa, os porcos fizeram aquele buracão pra dormi e ela (imagem da santa) no meio, num “nincho”, que ainda hoje o “nincho” ainda ta ai era de pau. (Entrevista concedida a Márcia Guena, Juliano Ferreira, Adeilton Jr e Ana Carla Nunes no dia 10 de junho de 2012)

Mãe de sete filhos, quatro homens e três mulheres, diz ter sofrido bastante com as perdas. Primeiro seu marido e depois três filhos, ainda não se recuperou de nenhuma das perdas, no entanto busca forças nas coisas simples que conquistou em sua vida para viver. Costuma cantar para esquecer e amenizar as angústias que tanto se fazem presente. As cantigas são de roda, algumas tem versos improvisados e outras compõe as manifestações culturais que lá aconteciam

Aldeia, aldeia... oximaré
Aldeia, todas as aldeias, aldeia oximaré
Aldeia, aldeia... oximaré
Aldeia, todos os caboclos, aldeia oximaré
Aldeia, aldeia... oximaré
Aldeia, seu Juremera, aldeia oximaré
Aldeia, aldeia... oximaré
Aldeia, seu vencedor, aldeia oximaré
Aldeia, aldeia... oximaré
Aldeia seu Joaquitino, aldeia oximaré
Aldeia, aldeia... oximaré
Aldeia, seu vencedor, aldeia oximaré (Cantiga que embalava as festa de caboclo, ritual característico no candomblé)

José Domingos de Brito

⁵ Planta característica da região.



Os perfilados são fundamentais na construção do trabalho, pois detêm a memória que por ora parecia perdida, ou esquecida. Roberta tem filhos e bisnetos, costuma contar para eles algumas histórias é dessa forma que a comunidade permanecerá sabendo e entendendo o seu surgimento. No Quipá os perfilado, Antônio e José Domingos, também



recordam e contam como se deu a atual organização da localidade quais foram as principais lutas travadas durante o processo pela luta de posse de terra.

O Quipá não era habituado aqui nesse local, era Quipá também, por isso não tinha diferença. Era Quipá a mesma coisa aqui. Agora o lugar que eles morava era ali, por exemplo, bem ali num sabe.. encostadinho na cerca. Era mais ou menos assim, venderam as terras e nós mudamos pra aqui, e por sinal que nós era morador tão antigo que não era apropriada por causa da data. Era antiga mesmo do tempo de nossos avó, o pessoal era muito mais velho. Ai a dona chegou e vendeu a parte das terras, e não comunicou nada pra ninguém, e quando pensa que não chegaram ai uns empresários, os empresários chegaram e compraram tudo, colocaram o pessoal tudo pra fora. (Entrevista com José Domingos de Brito, dia 23 de maio de 2012, entrevistadores: Ana Carla Nunes e Juliano Ferreira do Carmo)

O senhor José Domingos é uma importante figura no cenário, tendo em vista que durante o processo de descolamento da comunidade esteve à frente, enfrentando aqueles que se opunham em agir dentro das leis e lutando pelos direitos que lhes eram garantidos. O remanescente quilombola teve dois momentos distintos, o qual os moradores chamam de “Quipá Velho” e “Quipá Novo”. O antigo lugar fica ao lado do território onde hoje as casas estão construídas, no entanto a área delimitada é menor do que a anterior.

Antonio de Brito





Assim como José Domingos, Antônio de Brito ou “Tonico”, como é conhecido por todos, também viveu parte das experiências e lutas da comunidade. Lembrou-se de momentos nostálgicos como a das festividades tradicionais que aconteciam na comunidade, aos 59 anos lembra com saudosismo de como tudo acontecia

A tradição que eles sempre freqüentavam e eles tinham mais aqueles... como diversão era as festa de São Gonçalo que eles faziam promessa, o outro rezava aquelas novenas, rezavam as novas que tinha até aquele santo que até minha velha mãe mesmo tinha uma santa, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, ai tinha aquela tradição que rezava aquelas nove noite de novena, ai quando chegava na do último dia fazia essa festa, fazia o leilão, pra poder no último dia, ser uma festa também. E as outras tradição deles mais era a roda de São Gonçalo que fazia as promessas, prometia sentir qualquer coisa de achar que tinha alguma melhora ai eles faziam aquelas promessas pra São Gonçalo, depois tinha que pagar, porque quando morresse ia ficar devendo pro Santo, tinha que pagar do mesmo jeito. E as tradição deles era esse. Por esse lado, aqui conforme o compadre já deu alguma dica, tinha outras tradição também, mas que eu falar dos caboclo que minha mãe, a vea.. a vea minha vó, minha vó mesmo por parte de pai, foi pegada no mato, era índia, foi pegada... foi corrida atrás com o cachorro. Agora me procure em que ano que eu não sei lhe informa, e quem contava isso era a vea minha mãe, que ela sempre, ela contava quando no tempo que eles tinham tudo conhecimento se conversam né. Mas, foi pegada dessa forma, e as tradição que eles tinha e antigo, e antigamente... as tradição deles aqui era essa. (Entrevista dia 23 de maio de 2012, com o grupo de pesquisa)



Os personagens não são apenas fornecedores de informações que se fazem necessárias para o desenvolvimento do trabalho, mas também são a memória viva das comunidades. As entrevistas e as fotografias são imprescindíveis na formação e concretização dos perfis, que a proposta do trabalho. Atividades como oficinas e palestras aparecem no decorrer do processo de estudo como análise do tema, afim de alertar e aproximar a conscientização dos grupos representativos locais para as demandas organizacionais que podem ser elaboradas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção dos perfis se faz necessário no sentido de representar e enfatizar pessoas que trazem histórias representativas e importantes para o resgate da memória quilombola. Os perfilados detêm informações que acrescentam de forma imediata durante, um posterior, processo de reconhecimento e certificação territorial.

O projeto de pesquisa “Perfil fotoetnográfico das populações quilombolas na região do submédio São Francisco: identidades em movimento” deseja somar a luta das comunidades, a partir da construção de perfis, na organização de palestras, realização de oficinas fotográficas, visitas e entrevistas para que se possa fazer um mapeamento da região e identificar a problemática para que os órgãos responsáveis possam tomar providências.

A fotografia surge então, como o documento que pode afirma o que o texto representa, as imagens não são complementos e sim textos ilustrativos que dizem e apontam algo, documentam. A fotoentrevista aparece então com uma das principais ferramentas para a reafirmação e consolidação da memória quilombola das localidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Caderno de Campo Digital – Antropologia em Novas Mídias**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 10, n 21, pag 273 – 289, jan./jun 2004.



BOAS, Sérgio Vilas. **PERFIS e como escrevê-los**. São Paulo – SP, Summus Editorial, 2003.

BONI, Paulo César; MORESCHI, Bruna Maria. **Fotoetnografia: a importância da fotografia para o resgate etnográfico**. Disponível em: <http://www.doc.ubi.pt/03/artigo_paulo_cesar_boni.pdf> Acessado em 15 de março de 2011.

CODEVASF. PLANVASF. **Plano Diretor para o Desenvolvimento do Vale do São Francisco**. Disponível em: <http://www.codevasf.gov.br/principal/publicacoes/publicacoes-atuais/planvasf>.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas, o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri, SP: Manole, 2004.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: O diálogo possível**. Série Princípios: Ática, 2004. São Paulo – SP.